

# AS COISAS FUNDADAS NO SILÊNCIO

---

3-4 MAR 2020

TER, QUA

16:00-18:00

18:30-20:30

Pequeno Auditório

# A IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO

O pianista Tadahiko Imada afirma que, no início do período Showa (1925–1989), existiu um interesse generalizado em ouvir o desabrochar das flores de lótus, no começo do verão. Este acontecimento ocorre a uma frequência sonora inacessível às capacidades auditivas humanas. O que interessava realmente a essas pessoas era ouvir aquele som fantasma, partilhando uma experiência próxima da alucinação coletiva auditiva.

Uma das primeiras ideias que ocorrem a alguém que pensa sobre o conceito de silêncio consiste precisamente em demonstrar que o silêncio, ao contrário daquilo que se possa pensar, fala. Qualquer silêncio está cheio de informação. Contudo, sendo inaudível, essa informação é facilmente ignorada. Usualmente atribuímos causas negativas ao silêncio: surge de impedimentos em falar, que podem ter origens diversas (como o medo e a censura) ou em ouvir (como a surdez ou o ruído mental). Mas existem certos contextos em que o silêncio tem uma natureza positiva: é, por um lado, o alicerce da contemplação e, por outro, pode descrever o que a linguagem não consegue. O silêncio indica que todas as hipóteses estão em aberto. Dado que a nossa percepção não tem acesso a contínuos, é na descontinuidade que nos damos conta do que se apresenta, ou seja, só por contraste podemos aperceber-nos de que há som ou há silêncio.

Pensar o silêncio implica pois convocar as noções de som e ouvido. 4'33", por exemplo, é uma expressão da relação entre música e silêncio, mas, mais do que isso, na medida em que cria uma intimidade com o momento presente, é uma reflexão sobre o que é ouvir. As coreografias de Merce Cunningham recusaram a narrativa. Já no cinema, o silêncio é um grande recurso por haver nele uma substancial riqueza semântica. Num belíssimo elogio à escrita, Marguerite Duras dirá:

“Escrever é também não falar. É calar-se. É uivar sem ruído.” Se é verdade, já noutra contexto, que em psicanálise a questão do silêncio está inexoravelmente ligada à do recalçamento, isso não significa que o silenciamento discursivo não venha a tomar variadas formas. Uma dessas formas é a do esquecimento. O esquecimento é também uma forma de silenciamento. Um nome esquecido, por exemplo, é um nome que se tornou impronunciável. Mas, e se tudo procedesse do silêncio? No livro *The Tuning of the World*, R. Murray Schafer sugere que o início do universo talvez não tenha produzido qualquer som. A explosão do big-bang teria ocorrido em modo silencioso, gradualmente corrompido pela vida.

Procurando estabelecer uma proximidade e diálogo entre público e oradores, doze convidados de referência, de áreas tão distintas como a dança, a literatura, a astrofísica, a arquitetura, o cinema ou a religião e a filosofia, apresentam as suas perspetivas sobre este campo de reflexão e debatem com o público as suas diversas abordagens, durante dois dias.

3 MAR, 16:00–18:00	18:30–20:30*	4 MAR, 16:00–18:00	18:30–20:30
<p>CURADORIA CINEMA / REALIZAÇÃO PROGRAMAÇÃO CULTURAL</p>	<p>DESIGN SONORO LITERATURA ASTROFÍSICA</p>	<p>TEATRO DANÇA ARQUITETURA</p>	<p>MÚSICA EPISTEMOLOGIA DO SOM FILOSOFIA DA RELIGIÃO</p>
<p>EMÍLIA TAVARES Curadora de fotografia e novos media, investigadora e professora.</p> <p>INÊS GIL Professora e realizadora.</p> <p>RAQUEL CASTRO Investigadora, realizadora e programadora cultural.</p>	<p>CARLOS ALBERTO AUGUSTO Compositor, designer sonoro, especialista em comunicação acústica, professor, conferencista e escritor.</p> <p>GONÇALO M. TAVARES Escritor.</p> <p>RUBEN GONÇALVES Astrofísico.</p>	<p>ALEXANDRE PIERONI CALADO Ator e investigador em Teatro. Sócio-fundador da Arte e Engenhos.</p> <p>LUCINDA CORREIA Arquiteta, investigadora e bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia com a tese <i>A (In)certeza da Norma. Arquitetura, Direito e Políticas Públicas em diálogo.</i></p> <p>VÂNIA ROVISCO Bailarina, coreógrafa e investigadora. É fundadora da plataforma artística Aktuelle Architektur der Kultur - AADK (2008).</p>	<p>JOANA GAMA Pianista e investigadora.</p> <p>LUÍS CLÁUDIO RIBEIRO Professor e diretor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Lusófona, em Lisboa.</p> <p>PAULO BORGES Professor de Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigador do Centro de Filosofia. É professor de meditação e presidente do Círculo do Entre-Ser.</p>
<p>Moderação:</p> <p>JOANA BRAGA Arquiteta, investigadora e artista intermedial.</p>	<p>Moderação:</p> <p>MARTA LANÇA Editora do portal Buala e doutoranda em Estudos Artísticos sobre o debate pós-colonial na programação cultural.</p>	<p>Moderação:</p> <p>ANA BIGOTTE VIEIRA Historiadora, dramaturgista, tradutora. Faz parte da equipa de programação do Teatro do Bairro Alto, como programadora da área de discurso.</p>	<p>Moderação:</p> <p>MARIA JOÃO GUARDÃO Realizadora e jornalista. Realizou vários filmes de natureza documental. Assinou trabalhos em jornais, revistas, televisão, projetos online e editoriais, e, recentemente, no Teatro Nacional D. Maria II.</p>
<p>Emília Tavares interpreta imagens fotográficas do século XIX, analisando a sua capacidade paradoxal de figuração da presença e da ausência, de discurso e de silêncio.</p> <p>Inês Gil explora a “fotogenia do silêncio” nas obras contemporâneas e no período do cinema mudo.</p> <p>Raquel Castro fala do silêncio como um convite à escuta, um princípio da comunicação: não a ausência, mas o princípio de tudo.</p>	<p>Carlos Alberto Augusto defende que som e silêncio são elementos de uma mesma cadeia de comunicação, e não opostos.</p> <p>Gonçalo M. Tavares lança a possibilidade de o silêncio ser aquilo que não entendemos.</p> <p>Ruben Gonçalves explica como o Universo é dominado pela ausência de matéria e pelo silêncio.</p>	<p>Alexandre Pieroni Calado explica como numa peça tão ruidosa como <i>A Tragédia de Coriolano</i>, de William Shakespeare, o silêncio joga um papel crucial.</p> <p>Lucinda Correia apresenta de que forma a mundanidade se serve do carácter silencioso da arquitetura para qualificar o espaço humano.</p> <p>Vânia Rovisco reflete sobre o papel do momento de silêncio enquanto acontecimento e, assim, enquanto uma ferramenta na performance e no corpo em prática.</p>	<p>Joana Gama demonstra como, por mais que à partida possa parecer um paradoxo, a ideia de silêncio está presente na obra de vários compositores.</p> <p>Luís Cláudio Ribeiro fala do silêncio como uma tensão individual do interior para o exterior ou uma tensão do exterior para o interior.</p> <p>Paulo Borges convida-nos a experienciar o silêncio.</p>
	<p>* Sessão com interpretação em Língua Gestual Portuguesa</p>		

Deixai-me limpo  
O ar dos quartos  
E liso  
O branco das paredes

Deixai-me com as coisas  
Fundadas no silêncio

Sophia de Mello Breyner

DIREÇÃO ARTÍSTICA

Marta Rema

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Andreia Páscoa

DESIGN GRÁFICO

João M. Machado

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Rita Bonifácio

VÍDEO

Francisca Manuel

FOTOGRAFIA

Alípio Padilha

ORGANIZAÇÃO

efabula

PARCERIA

Appleton Square, Cinema São Jorge,

Culturgest, Faculdade de Belas-

Artes UL, Galeria Monumental,

Igreja St. George, Instituto Superior

Técnico, Livraria Tigre de Papel,

Museu da Música, Museu Nacional

de Arte Contemporânea do Chiado,

Renovar a Mouraria

APOIO À CRIAÇÃO

OPART - Estúdios Víctor Córdon

APOIO À COMUNICAÇÃO

RTP, Antena 2, Carris, Umbigo,

Coffeepaste, Buala, Baldio

Projeto financiado pela República  
Portuguesa da Cultura /  
Direção-Geral das Artes

Cofinanciado pelo  
programa Europa Criativa  
da União Europeia  
Projeto ACT –  
Art, Climate, Transition



*As coisas fundadas no silêncio* é um programa que reflete sobre o silêncio. Conta com a participação de intervenientes de várias disciplinas artísticas e das ciências naturais, sociais e humanas, procurando momentos de discussão e cruzamento entre distintos modos de observar ou praticar o silêncio.

De 3 de março a 31 de maio, apresenta, em Lisboa, dez atividades que exploram o tema na sua relação com o corpo, com o tempo, com a linguagem, a música, o cinema e com as artes plásticas.

Para além deste ciclo de conferências na Culturgest, o programa inclui uma exposição de Susana Mendes Silva (Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado), sessões de filosofia para crianças com Joana Saraiva (livraria Tigre de Papel), visitas a uma câmara anecóica (Instituto Superior Técnico), duas performances com Gustavo Ciríaco / Isabél Zuua e Gonçalo Alegria / Maria LaLande (Igreja de St. George e Galeria Monumental), um ciclo de cinema (Cinema São Jorge), um concerto com Tiago Sousa (Museu da Música) e um *workshop* com Rui Catalão (Appleton Square). Até ao final do programa, o público é convidado a contribuir com o seu silêncio para a Coleção de Silêncios.

Programa completo:

[facebook.com/ascoisasfundadasnosilencio](https://facebook.com/ascoisasfundadasnosilencio)

Brevemente

Conferências e Debates x

**FELWINE SARR**

**A RESTITUIÇÃO DA  
HERANÇA CULTURAL  
AFRICANA**

6 MAR 2020

SEX 17:00

Grande Auditório

Entrada gratuita

Conferências e Debates x

**DANIEL  
CHRISTIAN  
WAHL**

**ECONOMIA  
E CULTURAS  
REGENERATIVAS**

13 MAR 2020

SEX 18:30

Grande Auditório

Entrada gratuita

**Culturgest**